



ANO 43 - OUTUBRO A DEZEMBRO 2005 - Nº 171

O NASCIMENTO QUE MUDOU A HISTÓRIA

Você já pensou em quantas pessoas nasceram até o dia em que nasceu Jesus? Um número incalculável, por certo.

Muitos nasceram e se tornaram homens e mulheres comuns; outros se tornaram ricos e poderosos; outros, reis e rainhas. E todos morreram deixando títulos e fortunas, grandes prodígios e histórias vergonhosas. E depois de alguns anos, perderam-se no esquecimento e deixaram de ser lembrados.

E outros tantos nasceram e se tornaram "divindades". Foram cultuados pelos homens, transformados em centros de adoração, e ao morrerem também foram relegados ao esquecimento. Pouco se fala deles e quase nada restou para compactar os povos.

Mas o nascimento de Jesus foi um fato sem paralelo. Mudou a história da humanidade, mudou o homem e deu-lhe uma nova esperança.

O pequeno infante de Belém,

anunciado pelos anjos aos pastores, e por estes visitado, tornou-se o centro das atenções de pessoas humildes e poderosas. Quando criança foi perseguido por Herodes e na idade adulta continuou sendo perseguido, ora por religiosos, por soldados, por escribas e por fariseus. E assim cresceu e se tornou homem com qualidades notáveis que o destacavam entre os demais.

Mas, por que seu nascimento mudou a história? Porque a história dos

povos e a história do homem com suas mazelas e pecados somente pode ser mudada porque nasceu um Deus-Homem que veio para mudar. Veio para salvar. Veio para reinar. Veio para dar vida.

O nascimento de Jesus é diferente de todos os outros nascimentos. Nasceu de uma virgem e foi concebido por graça e poder do Espírito Santo.

O nascimento de Jesus é diferente de todos os outros nascimentos. Nasceu de uma virgem e foi concebido por graça e poder do Espírito Santo. Viveu como homem, viveu como Deus. Se viesse a este mundo somente como Deus sem sua humanidade, o homem

jamais poderia conhecê-lo; nasceu como homem para ser conhecido e amado pelo homem. E como homem enfrentou a cruz, e ao ressuscitar pôde provar que é Deus, pois somente Deus tem poder sobre a morte. Nasceu como homem para amar o homem.

O nascimento de Jesus é diferente de outros nascimentos, porque foi profetizado antes da fundação do mundo, e toda a sua trajetória foi marcada com antecedência e afirmações precisas. Nada deixou de cumprir-se e tudo o que se falou sobre ele aconteceu em todos os seus detalhes.

Jesus nasceu para mudar o coração do ser humano e por esta razão é um nascimento sem par.

Já se passaram mais de dois mil anos e a cada dia mais notoriedade Ele alcança. O brilho do seu nome não se apaga e como um luzeiro cresce mais e mais. Outros nomes já se apagaram totalmente e muitos nunca ouviram falar de suas façanhas. Quem foi Napoleão Bonaparte para o mais rude homem do campo? Onde estão suas bravuras e as muitas batalhas ganhas? Mas pergunte ao mais humilde homem quem foi Jesus, e um sorriso sempre se esboçará de seu rosto: "Ah! Jesus, sim eu sei quem é

Jesus"; outros, ainda dirão: "Eu sei quem é Jesus, pois Ele me salvou".

Sim, o nascimento de Jesus mudou a história, porque para isso ele nasceu. Ele veio para buscar e salvar o perdido. Ele nasceu para salvar e resgatar o homem que se perdeu ao longo do caminho.

Pergunte à pequena criança e ao velho encanecido quem é Jesus e logo terá a resposta. Pergunte à mãe cristã, aflita e triste que acabou de perder o filho, e ela dirá quem é Jesus.

Ele muda a história do mundo, move corações de reis e poderosos, mas o seu maior interesse é mudar o coração do homem tão corrompido. E ele pode e quer mudar. Por isso seu nascimento é diferente de todos os demais. É tão diferente que ele somente se regozija quando ele vem a nascer no coração do homem que tanto ama.

Agora que você já conhece esta grandiosa diferença, faça como os humildes pastores que foram visitá-lo apressadamente – dê a sua reverência e cante louvores como eles, porque em Belém, na cidade de Davi, nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor (Lucas 2:8-14).

Orlando Arraz Maz

AS PROMESSAS DE DEUS

As Crianças

É de se notar que, de uma maneira geral, a Bíblia pouco diz sobre as crianças em particular, geralmente sendo apenas mencionadas junto com as mulheres como a parte mais vulnerável da população. Em Isaías 3:4 e 12 são mencionadas para tipificar a fragilidade do governo.

Deparamos, no entanto, com um

pai notável, o rei Davi, que demonstrou um profundo amor por uma pequena criança, um filho seu (2º Samuel 12:13–23). Deus ia tirar a vida dessa pequena criança porque fora o resultado de um sério pecado de Davi, e ela adoeceu. Lemos sobre a aflição de Davi *"Davi implorou a Deus em favor da criança. Ele jejuou e, entrando em casa, passou a noite deitado no chão. Os oficiais do palá-*

cio tentaram fazê-lo levantar-se do chão, mas ele não quis, e recusou-se a comer. Sete dias depois a criança morreu" (vs. 16-18, NVI).

Imediatamente após a morte da criança, o rei levantou-se do chão, lavou-se, perfumou-se, trocou de roupa e em seguida entrou no santuário do Senhor e O adorou. Depois voltou ao palácio, pediu e comeu uma refeição. Muito revelador é o que ele disse aos seus conselheiros, que se admiraram com seu comportamento: *"Enquanto a criança ainda estava viva, jejuei e chorei. Eu pensava: Quem sabe? Talvez o SENHOR tenha misericórdia de mim e deixe a criança viver.*

Mas agora que ela morreu, porque deveria jejuar? Poderia eu trazê-la de volta à vida? Eu irei até ela, mas ela não voltará para mim" (vs. 22-23).

A criança não havia pecado, mas era ela que ia morrer. Seu pai sabia que quem estava sendo castigado era ele próprio, o sofrimento era todo dele, e ele pedia misericórdia do SENHOR para com ele – não para a criança. O rei Davi, um dos homens da antiguidade que mais compreendiam a Deus e O servia com notável abnegação, sabia que para a criança morrer não significava a morte eterna ou passar para um estado de "limbo" como especulam alguns teólogos mal informados, mas que iria para um lugar onde ele a encontraria depois da morte. Para a criança, seria até melhor do que ficar aqui!

Nosso Salvador trouxe a confirmação divina desse perfeito entendimento do seu ancestral, dizendo *"Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino*

de Deus" (Mateus 10:14) e *"Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêm a face de meu Pai que está nos céus"* (Mateus 8:19). Ele dá dignidade às crianças pequenas, e uma posição muito privilegiada para todas elas, pois têm anjos próprios diante do próprio Deus Pai. Nenhuma delas deve ser desprezada.

Quando uma delas morre, o seu espírito vai imediatamente estar na presença de Deus. Todos os pequeninos vão para o céu, não por serem inocentes ou porque são de pais crentes, mas vão para estar com Cristo Jesus porque Ele

morreu por elas. O Seu gesto, quando encontrou as crianças com as mães que queriam que Ele lhes impusesse as mãos e orasse por elas foi muito significativo: Ele tomou as crianças nos braços,

impôs-lhes as mãos e as abençoou (Marcos 10:16). As crianças eram muito novas para decidirem aceitar ou rejeitar a Cristo, por isso Ele as tomou para Si com um abraço, simbolizando o amor que tem para com os pequeninos: se morrerem antes da idade da compreensão, Ele as receberá também nos céus.

Saber e crer nisso é uma grande consolação para os pais que perdem os seus filhinhos na infância ou que por algum motivo nunca puderam chegar à maturidade mental. O Senhor Jesus mostrou que Deus é justo e compassivo e quer o bem para todos, justificando aos que são incapazes de tomar uma decisão por si próprios.

Ele deseja que as crianças venham a Ele, e nos deu um mandamento quando disse: *"Deixai vir os pequeninos*

Infelizmente muitos pais estão deixando a evangelização dos seus próprios filhos para a escola dominical, organizações e outros.

a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus.” Uma criança que vem a Cristo ainda em sua infância tem uma vida inteira de bênção em comunhão com Deus. Ela é vulnerável por causa da sua pouca experiência e conhecimento, mas recebe um cuidado especial do Senhor. Ai de quem levar ao pecado uma criança que crê no Senhor Jesus Cristo, pois *“melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar”* (Mateus 18:6 – NVI).

A evangelização de crianças é uma alta prioridade. Conta-se que o evangelista D. L. Moody, ao ser inquirido em casa sobre quantos haviam se convertido numa reunião da qual acabava de regressar, disse: “duas pessoas e meia”. A família observou “você quer dizer que dois adultos e uma criança receberam o Senhor como Salvador!” Mas Moody retrucou “Não, não, duas crianças e um adulto receberam o Senhor”, e explicou “O adulto era um velho e ele só tinha metade de sua vida para dar”.

Infelizmente muitos pais estão deixando a evangelização dos seus próprios filhos para a escola dominical, organizações e outros. Se amam seus filhos, eles devem cuidar especialmente de encaminhá-los a Cristo eles próprios, não outros, dedicando-lhes o seu tempo e atenção. Não se deve esperar até que se tornem adultos - eles devem ser leva-

dos a Cristo o mais cedo possível. O Senhor disse que os adultos é que devem se fazer como crianças para entrar no Reino de Deus; logo, para as crianças, isso já deve ser coisa natural. É gente como elas que Ele recebe!

Finalmente, temos o primeiro mandamento com promessa: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra.” (Efésios 6:1, 2). Aplica-se aos filhos de qualquer idade, mas convém que seja obedecido desde a infância.

É conduta não somente correta, mas justa, porque está de acordo com a vontade de Deus. O filho deve aprender a ser obediente, assim como o Senhor Jesus fez (Hebreus 5:8). A desobediência aos pais é uma das péssimas características dos últimos dias em que nos encontramos (2ª. Timóteo 3:1-2).

O filho que honra seu pai e a sua mãe, sendo obediente e dando-lhes motivo de satisfação, tem a promessa de Deus de bênçãos e longa vida sobre a terra. Temos exemplos no Velho Testamento de dois filhos que não honraram seus pais, e suas vidas foram curtas: Sansão e Absalão. As promessas de Deus são permanentes e todas, inclusive esta, será cumprida fielmente.

R David Jones

SALMOS MESSIÂNICOS

Conclusão do Salmo 16

O Caminho da vida: Sepultura, ressurreição e exaltação (vs. 8-11)

Esta é a grande seção messiânica citada pelos apóstolos Pedro e Paulo no Novo Testamento, e aplicadas à ressurrei-

ção de Cristo. Na encarnação, Ele é chamado pelo anjo Gabriel “o Ente Santo” (Lucas 1:35); aqui, Ele é chamado

“o Santo”. Note quatro pronomes possessivos: Meu coração, Minha Glória, Minha carne, Minha alma. Ele se alegra e se regozija. “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o Teu santo veja corrupção”. No período entre sua morte na cruz e Sua ressurreição da sepultura, uns falam de seu Corpo e outros, de sua Alma.

Há dois pontos de vista divergentes quanto aos significados destas palavras: “Pois não deixarás minha alma no inferno (*Sheol*)”. A Bíblia *Scofield* e muitos expositores ortodoxos da Palavra tomam esta passagem em seu plano literal, significando que nosso Senhor, entre sua morte e ressurreição, desceu ao *Sheol*, descrito por nosso Senhor em Lucas 16:22, como o seio de Abraão, onde os santos do Velho Testamento, que morreram na fé, foram guardados até que o preço de redenção fosse pago. Não há fundamento para essa idéia de que Ele propôs ou ofereceu uma segunda oportunidade para aqueles que morreram em rebelião contra Deus.

As razões para este ponto de vista são as seguintes:

A descrição do *Sheol-Hades* em Lucas 16:19-31 como um lugar de dois compartimentos: o seio de Abraão para os santos e o lugar de tormento para os perdidos. É um sério erro espiritualizar ou racionalizar as palavras de nosso Senhor.

Os santos do Velho Testamento, ao morrerem, desceram: Jacó (Gn 37:35), Jó (14:13-15). Corá e companhia desceram vivos numa fossa (*Sheol*). Samuel subiu (1º Sm 28:15). Não foi seu corpo que subiu, pois foi sepultado em Ramá, a cerca de oitenta quilômetros de En-dor.

É verdade que Enoque e Elias foram arrebatados para os Céus, mas eles são claramente casos especiais.

Pedro disse que Davi não subiu aos céus (Atos 2:34).

Nosso Senhor, ao ressuscitar, disse a Maria Madalena: “ainda não subi para meu Pai” (João 20:17). “Ora, o que quer dizer subiu, sendo que também havia descido até as regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” (Efésios 4:9, 10).

Na ressurreição, Cristo glorificado tem em seu cinto as chaves da morte e do inferno (Ap1:18).

O estado intermediário não é a sepultura. A sepultura é *qeber* ou *shachath*, inferno é *Sheol* ou *Hades*. Isso significa o invisível, o mundo dos espíritos, o lugar dos mortos.

O credo dos apóstolos diz: “Ele desceu ao inferno”. Isso, naturalmente, não é imposto, mas mostra que este ponto de vista foi apoiado pela igreja no passado.

O segundo ponto de vista, defendido por muitos distintos e honrados ensinadores da Palavra, é que, quando nosso Senhor disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”, e inclinou Sua cabeça e morreu, Ele foi estar com o Pai no céu,

onde Ele estava entre Sua morte e ressurreição. Os santos do Velho Testamento, ao morrerem, também foram imediatamente para o Céu. As palavras de Davi são consoladoras: “E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre”. A narrativa da Transfiguração (Marcos 9:1-8), onde o Senhor apareceu em Glória

A ressurreição corporal de Jesus Cristo tem sido chamada “a pedra fundamental de arquitetura da Cristandade”.

com Moisés e Elias, vem corroborar este ponto de vista.

Parece ao autor que o peso da evidência está no primeiro ponto de vista, em que nosso Senhor desceu ao *Sheol*, onde no Velho Testamento os santos foram guardados, e que em Sua ressurreição e ascensão Ele os transportou para o paraíso acima, onde eles estão atualmente. Entretanto as questões deste tipo, com suas interpretações, levam-nos a ter um amor mútuo, afeição e tolerância por aqueles que têm outro ponto de vista.

Há outros detalhes, interessantes e maravilhosos, no NT concernentes ao sepultamento de Cristo. Este é um elemento do Evangelho: "... e que foi sepultado" (1ª Co 15:4). Nós encontramos o tipo em Lv 6:10-11: "O sacerdote vestirá a sua túnica de linho, e os calções de linho sobre a pele nua e levantará a cinza, quando o fogo houver consumido o holocausto sobre o altar, e a porá junto a este. Depois despirá as suas vestes, e porá outras; e levará a cinza para fora do arraial a um lugar limpo".

Ainda temos a profecia de Isaías 53:9 "Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte". Eles provavelmente cavaram um túmulo ao pé da cruz na qual Ele seria grosseiramente sepultado. Mas Deus tinha outros planos. Os Evangelhos nos informam que um homem rico, José de Arimatéia, providenciou um túmulo escavado na rocha, e outro discípulo secreto, Nicodemos, providenciou cerca de 45kg de um composto de mirra e aloés para embalsamá-lo. Após sua morte, mãos profanas não tocaram aquele corpo. Os homens planejaram que Ele fosse crucificado com

os malfeitores, mas José providenciou um lugar e Nicodemos, o perfume. Ao invés da sepultura de um criminoso, Ele teve a sepultura de um Rei (2º Cr 16:14).

"Tu me farás ver os caminhos da vida" (vs.11)

Tanto Pedro como Paulo aplicam isso à ressurreição de Cristo em Atos 2:25-28 e 13:35. Oito passagens no Velho Testamento ensinam claramente sobre a ressurreição do corpo: (Gn 22:5; Jó 19:23-27; Salmo 16:11; 17:14-15; Daniel 12:2-3 e 13; Isaías 26:19; Oséias 13:14).

A ressurreição de Cristo é mencionada cerca de cento e quatro vezes no Novo Testamento. Nenhum acontecimento nas Escrituras é examinado com tanta prudência meticulosa. É a melhor autenticação e atestado do ocorrido. Isso não é uma reflexão final, um epílogo ou uma cláusula final de um testamento para a divina vontade. É o primeiro e o último testemunho dominante dos apóstolos.

A ressurreição corporal de Jesus Cristo tem sido chamada "a pedra fundamental da arquitetura da Cristandade". Desalojar a "pedra angular" leva tudo ao colapso. Um brilhante agnóstico inglês disse: "É perda de tempo discutir milagres. Se a ressurreição corporal permanece, tudo permanece; se desaparece, tudo desaparece. A crucificação perde seu significado. Sem ressurreição sua morte é tão somente como a de um nobre mártir. A ressurreição de Cristo é atribuída a todos os três membros da Santíssima Trindade: ao Pai (Rm 6:4; Cl 2:12); ao Filho (João 10:18; Lucas 24:6,7); ao Espírito Santo (1ª Pedro 3:18; Rm 8:11).

Quatro fatos históricos da ressurreição nos Evangelhos

Os quatro Evangelhos narram a ressurreição. Fala-se mais dela do que qualquer outro acontecimento, exceto o julgamento e crucificação. Os quatro concluem narrando as aparições do Senhor depois da ressurreição. Considerar tal assunto como discrepante e contraditório é tão superficial quanto ridículo. Os relatos concordam entre si e se complementam. As dez aparições tomam lugar em cinco regiões diferentes:

No horto, a Maria Madalena chorando. Como consolador, Ele enxugou suas lágrimas (João 20:11-18).

No caminho a Emaús, a dois discípulos desanimados e desiludidos. Como Companheiro no caminho da vida, Ele abriu as Escrituras para revelar-se a si mesmo. (Lucas 24:13-31).

No Cenáculo Ele apareceu no meio dos discípulos temerosos e assombrados e apresentou-se a si mesmo como o Centro do Seu povo (João 20:19-23).

Na praia Ele apareceu a Simão Pedro, o homem que recentemente o negara. E como Confessor o restaurou e o comissionou (João 21:15-17).

Na montanha da Galiléia como Comissionador, Ele deu mandamento aos seus discípulos: "Levar o Evangelho por todo o mundo, prometendo: "...e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28:18-20).

A ressurreição de Cristo é o tema da pregação dos Apóstolos.

A ressurreição é mencionada vinte e uma vezes no livro dos Atos. Em todos os sermões apostólicos, esta não é um mero apêndice ou acessório

da mensagem, mas sim é o embrião ou o cerne do Evangelho. O principal objetivo dos apóstolos era testemunhar da ressurreição, e esta foi a razão por que muitos foram perseguidos e encarcerados. Os saduceus, os quais negavam a possibilidade de ressurreição, foram os primeiros a se oporem. Mais tarde, Paulo sofreu o mesmo tratamento por parte dos filósofos em Atenas (Atos 17:32) e dos governadores romanos. Ele é o autor da grande exposição da ressurreição corporal de Cristo (1ª Co 15).

"Em tua presença há plenitude de gozo" (v. 11)

Foi pelo gozo que lhe estava proposto que Ele sofreu a morte de cruz. "... o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta..." (Hb 12:2). Depois da sua morte, sepultamento e ressurreição, ocorreu sua ascensão visível à direita de Deus. Gozo foi sua parte aqui, porém ligado ao pesar e à tristeza, mas acima, plenitude de alegria, a qual pode ser desfrutada por Seu povo Nele (João 15:11). Essa alegria também vem pela comunhão com o Pai e com o Filho, e ainda uns com outros (1ª João 1:3-4).

"Delícias perpetuamente à tua direita"

A posição de nosso Senhor no v. (8) se inverte neste versículo (11). No v. (8) Jeová está à sua direita em comunhão e conselho durante sua caminhada de fé aqui embaixo; agora, na glória, Ele está à direita do Pai, lugar de poder, sacerdócio e delícia.

T. E. Wilson
Trad. Orlando Arraz Maz

UMA PALAVRA SOBRE ADORAÇÃO

Adoração é a mais elevada ocupação da Igreja de Deus e do crente individual. O Senhor não procura evangelistas, pastores ou mestres, estes Ele os dá à Igreja, mas procura ADORADORES (Jo 4:23). É quando uma Igreja considera a adoração a sua tarefa prioritária que ela está melhor equipada para a execução de sua tarefa de evangelizar o mundo. É depois de cumprir o seu ministério como um “sacerdócio santo” (1ª. Pe 2:5), que a Igreja está em condições para o cumprimento do seu “sacerdócio real” de anunciar o seu Senhor (1ª. Pe 2:9).

Que é adoração? É um ato de tão elevada expressão que, por maior esforço que façamos, encontraremos dificuldade em defini-lo. É um ato de contemplação de Deus. A alma piedosa, aproximando-se do Criador e contemplando, pela fé, a beleza e a glória, a majestade e perfeição infinitas do Supremo Criador, derrama-se perante Ele em ardente amor, prestando-lhe toda a homenagem e toda a honra a Ele devidas por ser Ele Quem é, reconhecendo e exaltando a Sua natureza e os Seus atributos.

Notemos, primeiramente, as condições para a adoração. Podemos apresentar pelo menos três condições para uma adoração aceitável.

a) A Regeneração. O homem natural não tem capacidade própria para adorar a Deus; nem mesmo tem direito aos privilégios do Reino de Deus. O Senhor não aceita a adoração de quem não se submete aos termos da sua aliança (Sl 50:16-17). O pecador não regenerado não pode ver o Reino de Deus (Jo 3:3). O homem natural não pode compreender as coisas espirituais (1ª. Co 2:12-16).

b) A adoração em espírito (Jo 4:24). Isto significa adoração de conformidade com a natureza de Deus. Deus é espírito e, em razão disto, somente pode ser adorado “em espírito”.

Portanto, um culto formal, orientado por uma “ordem” humanamente estabelecida, pode ser muito atraente e bonito, mas não é culto verdadeiro. A adoração a Deus não consiste em rituais complicados e cerimônias pomposas. Esses artificios humanos podem, quando muito, provocar emoção e, não raro, salvar as aparências, satisfazem o orgulho e vaidade humanos, mas não alegram o coração de Deus.

Deus quer ser adorado **em espírito**, e para que isto se tornasse possível foi que Ele nos conferiu uma natureza espiritual mediante o novo nascimento. Compete-nos, pois, desenvolver essa natureza, para que melhor possamos cultuá-Lo.

c) A adoração em verdade (Jo 4:24). Isto diz respeito aos **motivos** e à vida do adorador. Se quanto à natureza do culto temos de adorar em espírito, quanto aos motivos temos de adorar em verdade; temos de trazer à presença de Deus um espírito cheio de sinceridade, honestidade e verdade.

A vida de um adorador deve ser coerente com a sua profissão de fé; e o culto que ele presta deve expressar o seu verdadeiro amor para com Deus. Todo adorador que não esteja empenhado em consagrar todo o seu ser a Deus em amor não está prestando uma adoração verdadeira.

Deus é santo, justo, verdadeiro, e todo aquele que não se empenha em amoldar-se aos padrões de justiça,

santidade e verdade inerentes ao caráter de Deus, não pode adorá-Lo em verdade, pois não está sendo honesto para com Ele.

Portanto, a adoração em espírito conforma-se à natureza de Deus e a adoração em verdade conforma-se ao caráter de Deus. Podemos adorá-Lo em espírito porque Ele nos deu a natureza espiritual; podemos adorá-Lo em verdade porque Ele nos deu o Seu Espírito, no poder do Qual podemos desenvolver as qualidades de caráter por Ele requeridas.

A responsabilidade individual de adorar a Deus.

Cada cristão deve ter a consciência de ser um adorador a quem "Deus procura" (Jo 4:23). Infelizmente, um grande número de crentes tem a idéia errônea de que é só na reunião pública que se pode cultuar a Deus. Sem dúvida o serviço de adoração coletiva é um grande privilégio que nenhum cristão verdadeiro deveria perder. É uma grande bênção compartilhar do ajuntamento dos cristãos como um **sacerdócio santo** para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo (1ª. Pe 2:5). É claro que cada crente, como sacerdote que é, deve reunir-se com os irmãos para adorar, mas isto não o exime da sua responsabilidade individual de adorar. Quem não se exercita individualmente no sublime privilégio da adoração, não exercerá essa tarefa a contento no culto coletivo. A adoração que o crente presta pessoalmente, a sós com Deus, é um excelente exercício espiritual. Quanto mais exercitados forem os membros de uma Igreja na

Sem dúvida o serviço de adoração coletiva é um grande privilégio que nenhum cristão verdadeiro deveria perder.

adoração a sós com Deus, tanto melhor será a adoração coletiva dessa Igreja – mais espiritual, mais inteligente e objetiva. O adorador cristão, e somente ele, pode oferecer um culto espiritual e inteligente, em contraste com o culto formal, cheio de ritualismo complicado e cerimonialismo pomposo, onde os participantes "adoram o que não sabem" (Jo 4:22).

Os benefícios da adoração.

Embora o objetivo do adorador seja dar, e não, receber, o fato é que ele é grandemente beneficiado. Basta examinarmos atentamente Isaías 6:1–8 e ficaremos inteiramente convencidos disto. Vejamos quais são os benefícios:

a) Visão do Senhor.

"Eu vi o Senhor" disse Isaías. De fato, adoramos a Deus quando O vemos com os olhos da

fé. Vemo-Lo através do Senhor Jesus Cristo, a Sua mais perfeita, expressiva e sublime revelação. É a contemplação da Majestade, da glória, do poder da beleza e santidade do Senhor, que nos prende em profunda e reverente adoração: "Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o Teu Nome!" (Sl 8:1); "Vinde, cantemos ao Senhor... porque o Senhor é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses". DELE é o mar, pois Ele o fez; obra de Suas mãos os continentes. Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemo-nos diante do Senhor que nos criou" (Sl 95:1–6). Ao meditarmos na infinita sabedoria dos Seus conselhos e na magnitude do Seu amor, só podemos dizer: Ao "Deus único e sábio seja dada glória,

por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos”. (Rm 1-1.33-36; 16. 25-27; Jd 24-25).

A visão diária e constante do Senhor vai nos transformando gradativamente à Sua própria imagem, tornando-nos cada vez mais chegados a Ele e cada vez mais cônscios da Sua vontade (Rm 12:2 e 2ª. Co 3:18).

b) Consciência da própria indignidade.

“Ai de mim! Estou perdido! “Sou homem de lábios impuros”, disse Isaías. É precisamente isso que cada crente sincero tem de reconhecer na presença do Senhor. Perante Ele não temos de que nos orgulhar, pois somos, de fato, pecadores indignos.

Porém, há recurso para permanecermos na presença do Senhor e o adorarmos aceitavelmente. Somos idôneos para adorar porque o Cordeiro de Deus fez expiação pelos nossos pecados, dos quais nos purifica pelo seu sangue. Não somos dignos, mas Ele o é! Não temos méritos, mas Ele os tem! A brasa viva que purificou os lábios do profeta é uma figura do sacrifício purificador do Senhor Jesus Cristo, o Qual, voluntariamente submeteu-se ao fogo consumidor do juízo Divino contra os nossos pecados.

O fato é que o adorador, mirando-se à luz da infinita santidade de Deus, compreende toda a sua miséria; compreende que não é superior aos seus irmãos. Notemos que Isaías, antes de mencionar a indignidade do seu povo, lamentou a sua própria indignidade. Esse é o resultado lógico e inevitável na vida de quem regularmente se põe a sós com Deus para adorá-lo. O crente

altivo, orgulhoso e cheio de si, não é, por certo, um cristão exercitado na adoração a Deus, pois a convivência íntima com o Senhor leva-nos a reconhecer quão fracos somos e faz-nos mais simpáticos para com os nossos irmãos.

c) Habilitação para o serviço. Depois de contemplar o Senhor, reconhecer a sua indignidade e submeter-se à purificação do Senhor, o profeta ouviu o chamado: “A quem enviarei?” e prontificou-se a atender. É na presença do Senhor que o Seu servo recebe habilitação para o serviço. Portanto, quanto melhor adorador um cristão for, melhor obreiro será.

É notável como os serafins usavam as seis asas que possuíam: com duas cobriam o rosto, com duas cobriam os pés e com duas voavam. Isto nos ensina que a adoração precede ao serviço. Dois terços da capacidade dos serafins eram utilizados para adoração e um terço apenas para serviço. Quão bom seria se nós, hoje em dia, empregássemos a mesma proporção! O verdadeiro adorador torna-se conseqüentemente um obreiro zeloso e ativo, cheio de visão da glória do Senhor, da sua própria necessidade espiritual, dos infalíveis recursos do Senhor e da grande necessidade da obra.

Adoração através do cântico.

É grande o privilégio que o cristão tem, de expressar a sua gratidão, louvor e adoração ao Senhor através do cântico.

Desde os primórdios da história da igreja Deus tem sido louvado, engrandecido e exaltado pelas vozes piedosas do seu povo redimido, através de cânticos sagrados, mediante os quais o

Supremo Criador é adorado pela Sua grandeza, Sua glória e Seus eternos atributos.

O Senhor Jesus Cristo, incomparável Redentor dos cristãos, é o maravilhoso tema dos seus cânticos. Ele é adorado pelas Suas glórias, belezas e perfeições. Ao contemplar os Seus inextinguíveis atributos, quem pode deixar de prostrar-se aos Seus pés em humilde e reverente adoração? Ele é o Verbo eterno essencialmente Divino. Ele é o poderoso Criador e Sustentador de todas as coisas (Jo 1:1-3; Hb 1:2-3; Cl 1:15). É a Causa e Finalidade de todas as coisas (Cl 1:16-17). E gozo indizível inunda os nossos corações, quando, ao meditarmos neste precioso fato, somos movidos a uma reverente adoração Àquele que é “Deus bendito para todo o sempre” e “O verdadeiro Deus e a vida eterna”!

Adoramo-Lo pela glória de Sua encarnação. “O verbo Se fez carne”! Aquele que “Subsistia em forma de Deus” desceu até nós assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança dos homens e reconhecido em figura humana” (Fp 1:5, 7). Entrou numa nova forma de existência, encolheu-Se, limitou-Se e, em gloriosa união hipostática, reuniu em Sua Pessoa as naturezas divina e humana. E até hoje Ele é DEUS-HOMEM! Podemos concordar com Agostinho quando este afirma que Cristo “sendo Deus não era menos Homem, e sendo Homem não era menos Deus”. Misteriosa profundidade de glória! Não podemos compreender o estupendo milagre da encarnação, mas podemos crê-lo e assim derramar o nosso coração em adoração ao nosso maravilhoso Senhor.

Adoramo-Lo pela perfeição absoluta da Sua vida humana. “Nele não há pecado”. Diz João (3:5). E Paulo e Pedro, unânimes, confirmam: “Ele não conheceu pecado” (2ª. Co 5:21) e “Ele não cometeu pecado” (1ª. Pe 2:22). No aspecto positivo nosso amado Senhor colocou-Se sempre na inteira dependência do Pai e obediência à sua vontade. Frequentemente retirava-Se para dedicar-Se à oração (Lc 1:35). Sua motivação constante está consubstanciada naquela notável declaração: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar sua obra” (João 4:34).

Nosso Salvador é glorioso, é incomparável! Ele é o Cordeiro de Deus, o perfeito holocausto, que “A si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus” (Hb 9:14), constituindo-se numa oferta e sacrifício a Deus em aroma suave” (Ef 5:2). Ele é grande oferta pelo pecado (1ª. Pedro 2:24; 3:18), o “Grande Sumo Sacerdote que penetrou os céus” (Hb 4:14), onde agora comparece por nós, depois de ter efetuado uma obra perfeita “pelo sacrifício de Si mesmo” (Hb 9:24-28).

Que glória mística, delicada, tocante, sublime atrai a Ele as nossas almas ao contemplarmos alguns aspectos típicos aparentemente paradoxais em que Ele nos é apresentado! Ele é ao mesmo tempo Deus e Homem, Leão e Cordeiro, Sacerdote e Sacrifício! Sim, Ele é, de fato, Maravilhoso! Ele merece toda a nossa adoração.

Luiz Soares
Extraído de “Hinos e Cânticos”
6a. Edição de Música

NOTA DO REDATOR

Quando este exemplar estiver chegando às suas mãos, o mês de dezembro já estará em sua reta final, com vistas ao novo ano. Foram quatro edições e cada uma com cerca de cinco mil exemplares, com variados artigos que sem dúvida serviram para edificação do povo de Deus. E este fato tem sido gratificante para todos os amados que estão envolvidos neste ministério. A todos eles nossa gratidão pela dedicação e esforço, que sem dúvida chegou ao nosso Deus como "cheiro agradável".

Aos nossos fiéis leitores que nos têm prestigiado e a todos os que contribuíram com suas ofertas ou artigos, enaltecendo este serviço que é para o Senhor, rogamos as bênçãos do nosso Pai e que Sua presença durante o ano de 2006 seja como um "sol e escudo", (Salmo 84:11), ora iluminando o caminho trilhado, ora protegendo e defendendo aqueles que lhe pertencem.

Votos de um Natal bem alegre com gratas recordações das bênçãos provenientes do nascimento de Jesus, é o que desejamos todos nós, responsáveis pela circulação de A Senda do Cristão.



Mudando-se?

Por favor, dê-nos seu novo endereço com antecedência!

SENDA VIA E-MAIL:

Aqueles que desejarem receber a Senda do Cristão através de e-mail, em lugar de sua remessa via Correio, poderão solicitar-nos, fornecendo seu e-mail para:
arrazmaz@uol.com.br ou jennycraw@com4.com.br

A SENDA DO CRISTÃO

Publicação trimestral cristã, sem fins lucrativos e mantida por ofertas voluntárias.

FUNDADOR: Kenneth Jones

Sugestões e artigos devem ser encaminhados ao:

EDITOR RESPONSÁVEL: Orlando Arraz Maz

Rua Oswald de Andrade, 59 - Chácara Sergipe

Cep 09894-070 - S. Bernardo do Campo - SP

Ofertas e pedidos devem ser encaminhados ao

TESOUREIRO: James Crawford

Caixa Postal, 19 - CEP 14.600-000 - São Joaquim da Barra - SP ou

Bradesco: Agência 1500-8 - C/C 006478-5 - **Favor enviar cópia do depósito**

A SENDA DO CRISTÃO NA INTERNET <<http://www.irmaos.com/>>.